ALGUMAS PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS DO E SOBRE O AUTOR

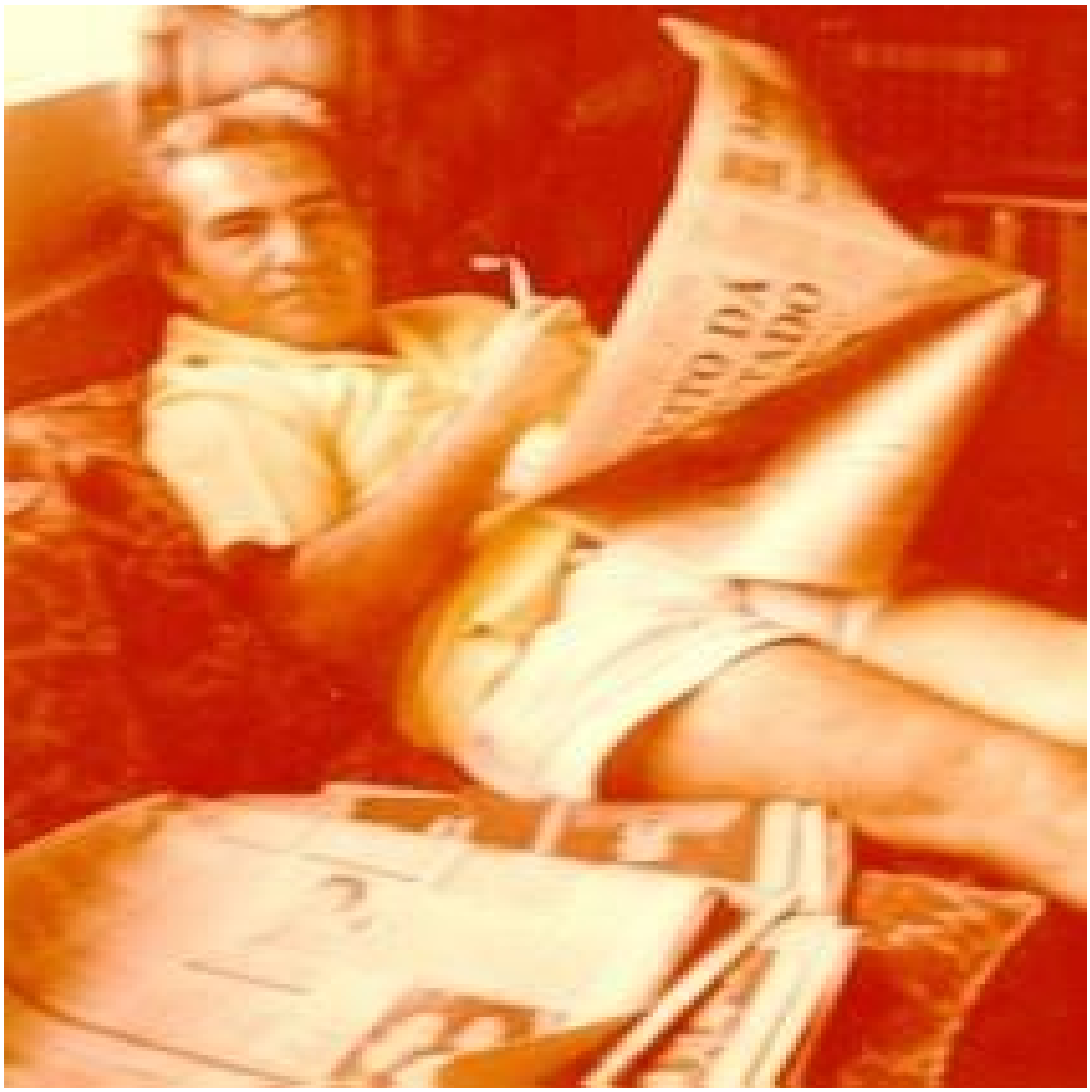
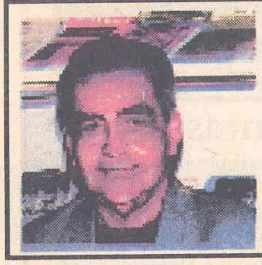


Foto: Benedicto Monteiro aos 50 anos, retorno aos jornais.

Do autor

A Província do Pará

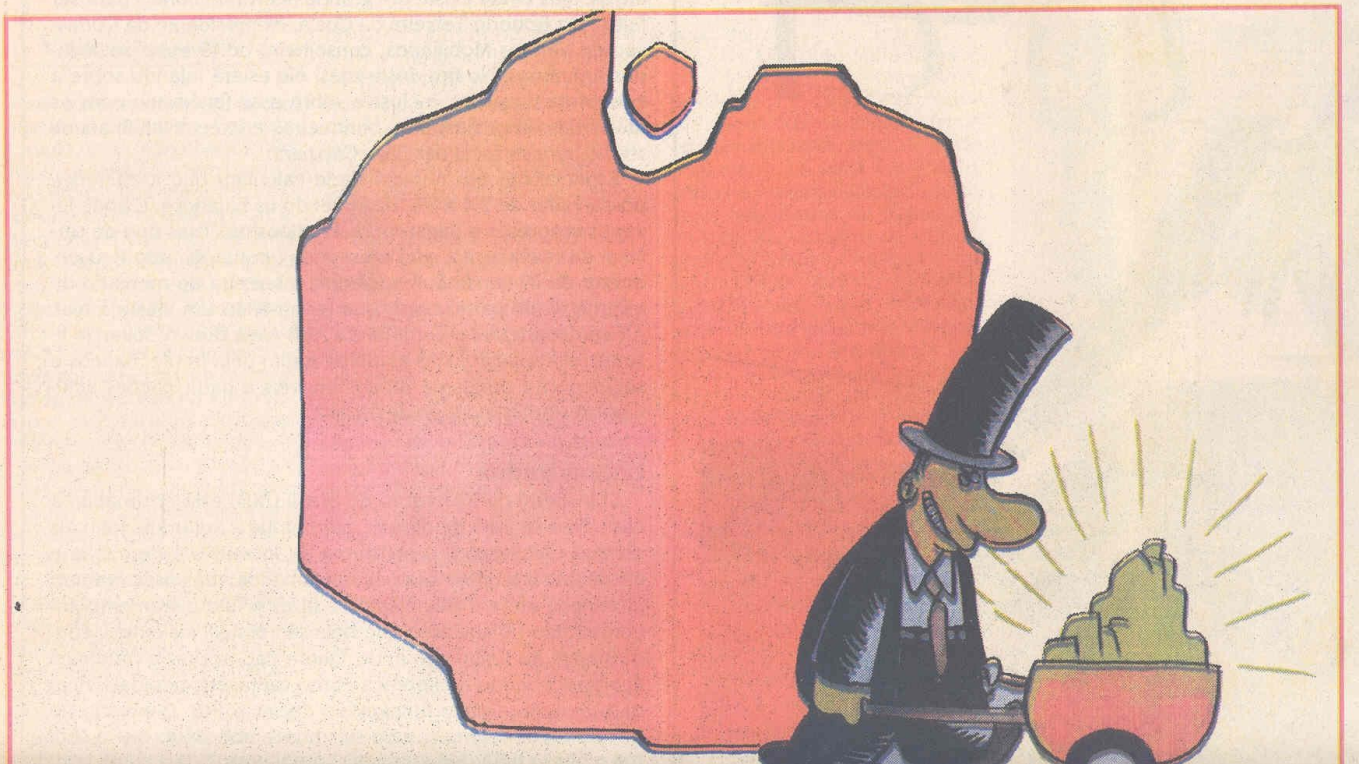


Parlatório

BENEDICTO MONTEIRO

De circunlóquios nada sei,
O caso conto como o caso foi,
Na minha frase de constante lei
O patife é patife, o boi é boi.
(Batista Campos)

Belém, a cidade sem sentido



O lugar de fazer buraco

O caboco pensador pede que eu diga ao governador Almir Gabriel, que não se preocupe com os buracos que a Vale do Rio Doce deixaria no solo do Pará. Basta ele se lembrar do Amapá, que era nosso território e que tinha uma montanha de manganês para explorar. Como era na época de uma ditadura, decretaram logo um território federal. Chamaram um coronel do Exército, arrumaram um empresário brasileiro testa-de-ferro, construíram um porto moderno e exportaram em 30 anos, todo o minério que havia na montanha e no subsolo que era paraense. Deixando apenas o buraco no solo do Estado do Amapá. O nosso Estado, que era o dono do solo, não recebeu nem agradecimento pelas terras e nem indenização pelo minério explorado.

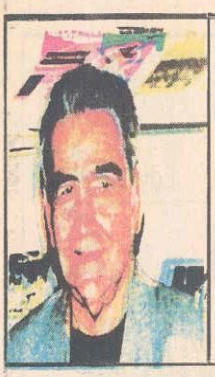
Da mesma forma, ele quer que eu avise o governador, que não é impossível eles transferirem as minas para os seus quintais, conforme declarou à imprensa. Podem sim, governador, eles já fizeram isso embaixo dos nossos olhos. E foi lá mesmo no Amapá. Derrubaram uma montanha e cavaram um imenso buraco em apenas 30 anos. Só que, naquela época, nós estávamos sob uma ditadura. E mesmo assim, eles tiveram que decretar um Território Federal. Agora, como nós estamos numa democracia, a conversa é outra. Mas já está iniciada. Vão fazer o Estado de Carajás. E aí, o senhor não precisa ficar vexado. Os buracos, os imensos buracos, não vão ficar no Pará, vão ficar mesmo no Estado de Carajás.

Um tal senhor Juarez Saliba Avelar, superintendente das Minas de Carajás, hoje de propriedade da Companhia Vale do Rio Doce, disse em entrevista à imprensa, que Belém não faz o menor sentido. Não é um idéia nova. Muitos empresários do sul e do centro-sul do Brasil, que vieram aqui atrás do dinheiro público da Spvea, (hoje Sudam)e do Basa, pensaram assim, agiram assim, embora não tenham tido a desfaçatez de proclamar essa idéia perversa numa entrevista à imprensa. Receberam o dinheiro, gastaram um pouco em obras de fachada e levaram a maior parte da grana para os seus Estados.

Essa prática vem de longe. Se se fizesse o inventário dos projetos fraudados e fracassados financiados pela Sudam e pelo Basa, a quantia de dinheiro público roubado da Amazônia, alcançaria cifras astronômicas. Aliás, nem precisa vasculhar os arquivos desses órgãos. Basta ver a área marginal de Belém, a margem da estrada que liga Belém a Icoaraci, o Distrito Industrial e as áreas cercadas de Ananindeua, para se ter uma vaga idéia do desperdício do dinheiro publico. Isso sem falar nas milhares de fazendas e serrarias que se espalharam por todo o território do Pará.

Os políticos e os empresários de fora, parece que já estão acostumados nesse particular, com a negligência e a omissão das lideranças e dos governantes paraenses. Alguns analistas acham, que as pessoas daqui, que ocupam eventualmente cargos nos governos ou nas corporações, têm se contentado com as comissões que recebem para viabilizar os recebimentos, sem se importar com a execução dos projetos. E sendo assim, eles recebem o dinheiro, gastam um pouco aqui ludibriando a fiscalização, quando tem, e se mandam para o Rio, São Paulo, Curitiba, Brasília e até para Miami.

Mas nunca tiveram a cara-de-pau de dizer nas nossas fuças, que Belém, que lhe serviu de apoio, que lhe deu toda hospitalidade, é uma cidade sem o menor sentido. Esse tecnoburocrata que disse isso, está cuspindo no prato que está comendo e ainda vai comer, ajudado pelos capitais internacionais, que são os mais beneficiados com as privatizações.

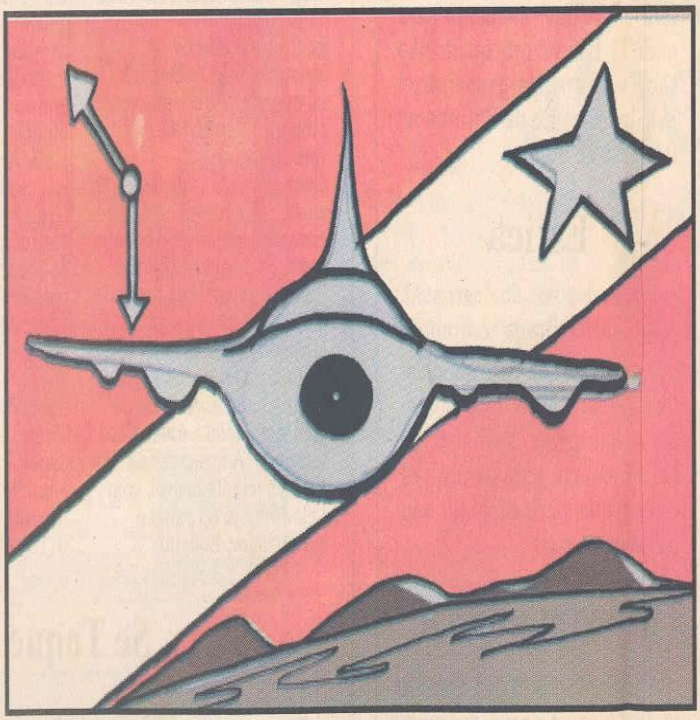


Parlatório

De circunlóquios nada sei,
O caso conto como o caso foi,
Na minha frase de constante lei
O patife é patife, o boi é boi.
(Batista Campos)

BENEDICTO MONTEIRO

Mais uma vez, atrasados



Desde a declaração de independência do Brasil, do reino de Portugal, que o Pará chega atrasado. Foi preciso decorrer um ano, para que o Brasil largasse Portugal e aderisse à independência política do Brasil. Agora se dá a mesma coisa com o turismo. Vamos chegar novamente atrasados. Ninguém ignora que o Pará tem melhores condições de desenvolver o turismo, do que Manaus, São Luís e Fortaleza. No entanto, essas cidades estão mais avançadas nas condições do turismo que a nossa querida Belém.

As razões são muitas e todas dependeram e dependem do governo. Dos governos federais e estaduais que passaram. Mas, aqui em Belém, podemos constatar esse atraso em relação ao aeroporto. Quando se tratou de implantar os grandes projetos na Amazônia, as bases geográficas e econômicas estavam no Pará. As sedes do BASA e da SUDAM ainda estão aqui. Os financiamentos todos passaram por aqui. Construíram-se sedes para os bancos, para as empresas, para a Sudam e até para hotel cinco estrelas, mas o dinheiro escapuliu das nossas mãos.

Quanto ao porto e o aeroporto, haviam promessa de dragagens na baía e, no aeroporto, a de ampliação de nossa estação de passageiros. Parece que há quinze anos se fala nisso. Nesses quinze anos, Manaus foi privilegiada com o seu grande e moderno aeroporto por causa da zona franca. E construíram-se hotéis cinco estrelas e até pousadas na selva para servir ao turismo. Como lá não tem uma baía, abriram-se janelas para o rio.

Agora leio nas revistas nacionais, que estão sendo inaugurados os complexos aeroportuários internacionais de São Luís e Fortaleza. Os que assinam em baixo, são os governos do Maranhão e do Ceará, o Banco do Nordeste, a Embratur, o Infraero, o Ministério da Aeronáutica, o Ministério do Planejamento e o Brasil em Ação, todos do Governo Federal. Como não podia deixar de ser a ajuda do BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Esses dois complexos aeroportuários internacionais de São Luís e Fortaleza não estavam nem pensados, quando se cogitou da ampliação do aeroporto de Belém, mas segundo a propaganda dos governos interessados, eles foram feitos para o desenvolvimento da indústria do turismo, que vai criar empregos e mais renda para essas capitais.

Quanto ao Pará e Belém, chegamos mais uma vez atrasados. Em relação a São Luís, Fortaleza e Manaus.

OPINIÃO

Os sem-terra e os sem teto

BENEDICTO MONTEIRO

Minha mulher e os meus filhos não gostam que eu relembre os idos de 1964 quando eu fui cassado, preso, processado e marginalizado porque usava duas palavras-de-ordem sobre a reforma agrária. Naquela época eu já reclamava terra para quem nela trabalha e dizia que se a reforma agrária não fosse feita na lei, ela seria feita na marra. Durou mais de uma geração para que essa advertência se cumprisse. Pena que ela esteja se cumprindo justamente num governo do Partido Social da Democracia Brasileira, o PSDB.

Na verdade, durante todo esse tempo aqueles que falam sobre reforma agrária confundem essa profunda reforma social com a simples colonização. E, o que é pior, com um simples assentamento de trabalhadores em terras de conflitos. É absolutamente impossível pensar-se em reforma agrária com o tipo de educação que temos com o estado calamitoso em que se encontra quase todo o nosso sistema viário. Isto sem levar em conta a falta absoluta de uma política agrícola que atende os pequenos lavradores. Confesso que não sei o que aconteceu com os milhares de sindicatos rurais que tínhamos no Brasil inteiro e com suas federações que chegaram a ter sede em todos os Estados e em Brasília. Não tenho lido nos jornais notícias sobre suas atividades em prol da reforma agrária. E, diferentemente da CUT, da CGT e da Força Sindical, seus nomes não aparecem nos noticiários da imprensa nacional.

Mas, o pior para nós daqui do Pará, é que essa falta de reforma agrária gerou entre nós, aqui no Norte, outros sem mais coisas, sem outras coisas mais. Como os sem-pão vivendo com outros alimentos naturais da nossa terra, os sem-emprego que se espalham pelas ruas das cidades à procura de biscates e os sem-ouro perambulando de mina em mina por este nosso imenso território da Amazônia. Bem, os sem-teto, esses já fizeram de Belém a capital das invasões. E se entocam nos terrenos, nos conjuntos habitacionais e até nos edifícios, sempre ameaçados de despejo pela polícia e pela justiça.

Os milhões de trabalhadores rurais que precisam de terra, de trabalho crescem a cada dia. E parece que não encontrando abrigo nos seus sindicatos formaram o movimento dos sem-terra, o MST, que já ganhou a sua identidade na base da luta campal. Não pensem os desavisados que os trabalhadores e os lavradores sem-terra, estão todos no MST. O MST é apenas a vanguarda, os mais organizados, os mais aguerridos, os mais corajosos que resolveram não mais esperar. Estão alertando a Nação para esta outra verdade do Real. A outra face da moeda, dessa moeda "forte" que tanto compraz equipe econômica e o próprio Presidente da República. Estou dizendo que essa estabilidade que garante as fortunas dos banqueiros e a intocabilidade dos bancos não dá terra a quem nela trabalha, não dá pão a quem tem fome e que o simples assentamento que o governo pretende fazer não é e nunca será uma reforma agrária.

Quanto aos sem-teto, que em Belém somam milhares de milhares em sua grande maioria, são também os expulsos de campo, pela falta de reforma agrária. Uma categoria de gente que nasceu com essa modernização que urbanizou o mundo. Enquanto não arrumam emprego, eles tentam se agasalhar entre os excluídos. Mas formam áreas de explosão em plena área urbana de facílima combustão.

Lembro-me de muitas lutas que travamos nesses longos anos, nelas morreram Gabriel Pimenta, Paulo Fonteles e João Batista porque eram advogados dos sem-terra e eu, eu escapei por milagre. Talvez porque tenha uma irmã freira carmelita descalça, Irmã Maria Inez, que inclui todos os dias o meu nome nas suas orações. Mas, não é por isso que eu vá deixar de expressar a minha revolta, a minha indignação e a minha comoção diante desse massacre praticado em Eldorado nosso sofrido Pará.

A nossa história está cheia de visionários que morrerá em busca de ouro, diamantes e esmeraldas. Mas também está cheia dos que morreram em busca da justiça social. Infelizmente eu clamei e clamei há trinta anos, que se não fizessem a reforma agrária na lei, ela seria feita na marra. Está aí o massacre dos sem-terra significamente feito nas terras de um município que, miseravelmente, se chama Eldorado. Só espero que no fim, essa luta não seja como a Cabanagem, uma revolução perdida para o povo paraense, que pagou com o genocídio, o idealismo e o heroísmo de 40 nativos que morreram pela liberdade.

O meu grande equívoco

Benedicto Monteiro

O fato de eu ser escritor me permite uma grande e isenta aproximação com o ser humano. Conheço relativamente as pessoas com quem tenho relações e as pessoas envolvidas na política e na vida pública. Não tenho ilusões sobre elas. Tenho convivido ao longo de toda a minha vida, com essas pessoas, com as quais reparto, troco, confronto e tolero as nossas virtudes e defeitos. Creio que, em toda a minha vida, vivi assim, andando numa corda bamba entre o ideal e a realidade. Hoje, reconheço, que voei mais na ilusão do ideal do que andei no equilíbrio da corda bamba da realidade. Não guardo mágoas nem ressentimentos dessa minha vida. Mas não posso deixar de constatar que cometi um grande equívoco.

Olhem que, por nunca ter me transformado, em relação ao poder e ao dinheiro, como faz a maioria dos seres humanos, eu já tinha na minha vida idealista, esse sentimento e essa certeza de que o poder e o dinheiro tudo transformam. Vi mesmo, com os meus próprios olhos, parentes, clientes e pessoas amigas se transformarem, do dia para noite, só com o toque do dinheiro ou com a subida dos degraus do poder. A transformação brusca dessas pessoas é inenarrável. E realmente assombrosa. Não devia portanto, ter mais qualquer dúvida em relação a essa fraqueza da personalidade. E é justo declarar que eu sempre dava esses descontos quando avaliava a sinceridade e a gratidão nas minhas amizades.

Raciocinando sob esse prisma, tinha que adotar, com os companheiros, parentes e amigos, esse terrível critério da relatividade. Só seriam companheiros, parentes e amigos até o confronto, quando tivessem de decidir entre o poder, o dinheiro e a amizade. Essa seria sempre a dura e cruel realidade. Todos os sentimentos de respeito, consideração e amizade estariam sujeitos a essa questão do poder e do dinheiro. Aliás, o povo é muito sábio quando diz que, quando a miséria entra pela porta, a honra sai pela janela. Infelizmente, até o amor, o amor de irmão, o amor filial, o amor sexual, está sujeito às variações dessa cruel realidade.

O que me mantinha voando na ilusão do ideal e andando na corda bamba da realidade era um sentimento de que a ética e a moral estruturadas sob os princípios do nosso sistema jurídico, ainda eram a principal inspiração da nossa sociedade. Mesmo avaliando as criaturas sob essa ótica da influência do poder e do dinheiro, eu achava que certos padrões de ética e de moral não poderiam ser ultrapassados, sem que a sociedade punisse exemplarmente todo aquele que exagerasse na corrupção, na deslealdade e na fraude.

Esse foi o meu grande equívoco. Porque não acompanhei o crescimento populacional vertiginoso do nosso povo. Mal pude compreender que a estrutura educacional urbana e rural na qual vive a nossa sociedade, não tinha e nem tem condições de fornecer aos indivíduos, uma consciência moral e ética que influisse nas decisões coletivas. Desde as eleições diretas e gerais para a escolha dos representantes e governantes, até os colegiados culturais, judiciais administrativos. A crise no nosso ensino básico, passando pelos colégios e chegando até às universidades, agrava essa deficiência e ineficiência que contaminam não só todos os colegiados oficiais e oficiosos, como até mesmo e principalmente a nossa incipiente e nascente formação comuitária.

Entre quase todas as decisões coletivas, se joga sempre a suspeita de que houve a influência do poder e do dinheiro. E são raras, raríssimas as autoridades que escapam às falhas, nesse sentido, de seus funcionários e auxiliares. Infelizmente, é essa realidade de que conturba quase todas as espécies de idealismo. Esses fatos, esses atos, essas pessoas e essas coisas, aparecem à nossa vista quase a todas as horas. E não vemos nos aparelhos de Estado, na influência das religiões, nos organismos da sociedade nenhum remédio imediato para corrigir ao menos os que exageram na prática do crime justamente contra a patrimônio da Pátria, o patrimônio do Estado e, principalmente, o patrimônio do Município. Esse exemplo maior da impunidade nacional é que impede a organização da sociedade e retarda a retomada de uma nítida consciência do bem comum e do bem público.

Agora, os meus amigos e correligionários que resolveram comandar a minha campanha de candidato a deputado federal, descobriram que o meu nome político deve ser BENÉ. Dizem eles, que é uma questão de Marketing. São quatro letras de simples divulgação e compreensão para o leitor. Ajuda na nova linguagem matemática e torna a propaganda mais fácil, mais barata e mais veloz. Estamos na era da velocidade.

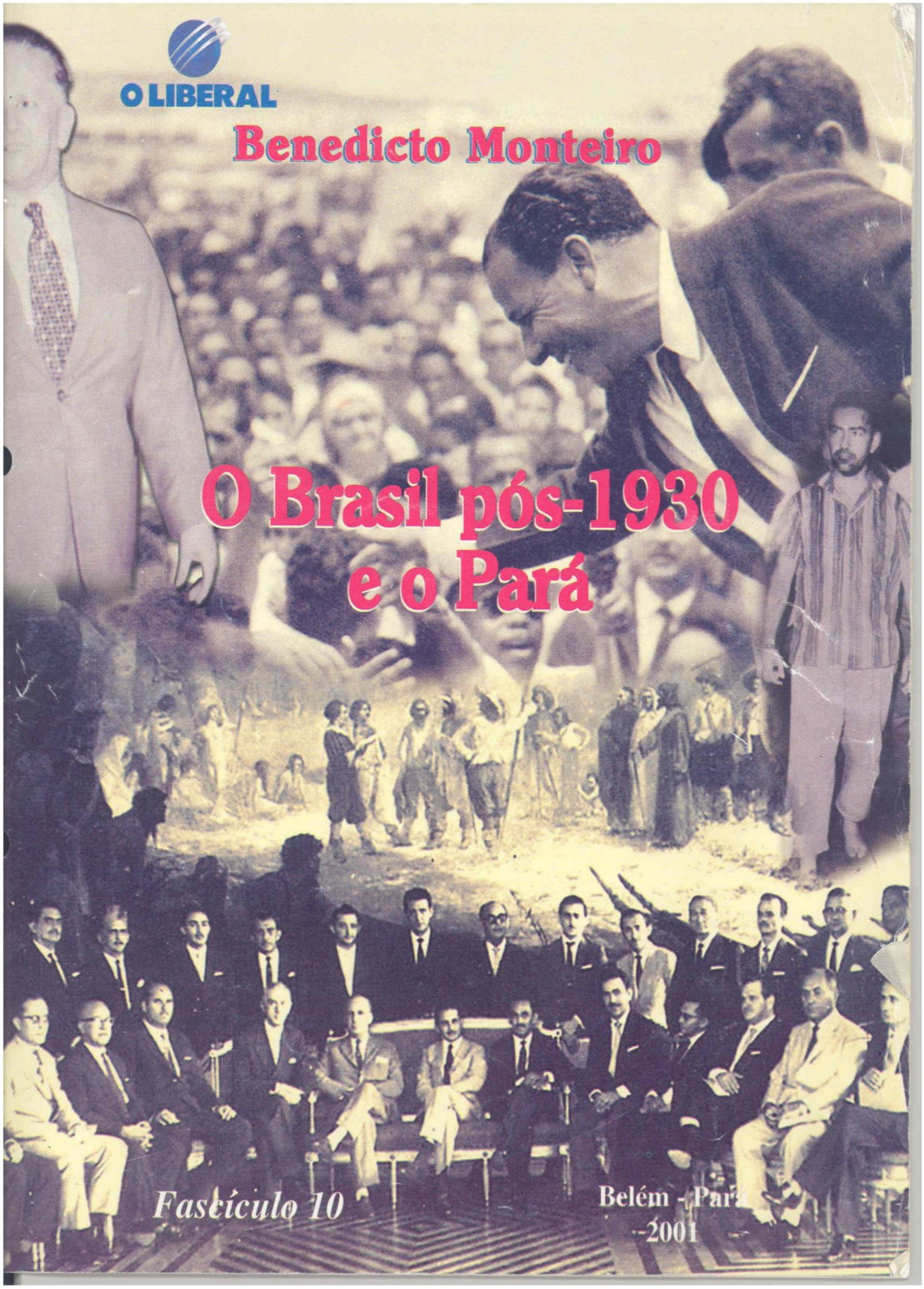
Sei de tudo isso, mas,nesse afã de conquistar o eleitor da mass-mídia, eu não quero esquecer o meu nome jornalístico e literário. Foi com o Benedicto Monteiro que enfrentei a lavagem cerebral, os interrogatórios de madrugada. Enfrentei nos porões das prisões militares, as acusações caluniosas, as torturas psicológicas, as prisões e a marginalização da sociedade. Foi com esse nome que emergi da grande noite autoritária, que sepultou inúmeros valores regionais e nacionais a pretexto de combater a subversão de 1964.

Benedicto Monteiro foi o nome que adotei para escrever o Verde Vagomundo, O Minossauro, A Terceira Margem, Aquele Um e O Carro dos Milagres, que serviu de leitura obrigatória para vestibulares da Universidade e tem servido para toda a espécie de trabalhos dos estudantes do Pará. Também foi com este nome que escrevi o meu livro de Direito Agrário e Processo Fundiário, já adotado por várias Universidades do Brasil. Foi com este nome que eu me elegi Deputado Federal Constituinte em 1986. E é com este nome que lanço o meu livro Transtempo, minha autobiografia romanceada da era da velocidade.

Se puder, quero que os meus amigos e eleitores votem no BENÉ, por ser mais fácil de ler, de escrever e de pronunciar. Por ser mais íntimo, mais carinhoso, mais amigo. Mas, por favor, não esqueçam de ligar esse apelido ao meu nome verdadeiro, que traz a lembrança da minha mãe e do meu pai. O nome com o qual reconstruí a minha vida política e literária, enfrentei o Tribunal Militar e fui absolvido de todas as falsas acusações que fizeram contra mim. A Justiça Militar embora seja castrense, é uma justiça digna que, no auge da repressão ideológica a partir de 1964, garantiu a liberdade e a dignidade de muitos brasileiros.

Eu sou o BENÉ, mas sou também o Benedicto Wilfredo e o Benedicto Monteiro. Como se diz nos bilhetes protocolares: ficarei muito grato pelo voto dos meus leitores e eleitores.

48



[48] MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**, fascículo 10. Editora: Amazônia, Belém-Pa, 2001.

12 - A CONSTRUÇÃO DO MITO PARAENSE

Em fevereiro de 1943, pelas mãos do próprio Getúlio Vargas, Barata voltava ao poder no Pará. Alguns analistas atribuem essa nomeação à necessidade que Getúlio tinha de um homem forte no Norte, por causa da II Guerra Mundial e em virtude da Guiana Francesa estar ocupada pelos alemães. Ao chegar em Belém, Barata recebeu uma das maiores consagrações populares já tributadas a um homem público no Estado. Voltou pregando a paz, mas realizando a mesma política populista de antes, visitando sistematicamente o interior e cobrando dos seus prefeitos a melhor e maior assistência às populações pobres.

Apesar do longo período de Malcher no poder como governador e interventor (oito anos), o prestígio de Barata continuava o mesmo. Não só pelo seu carisma pessoal, mas também pela sua participação revolucionária e pela sua atuação nas administrações passadas. Como revolucionário na região do Baixo e Médio- Amazonas, ele tinha se tornado uma lenda de coragem e heroísmo. Como administrador, ele adquiriu a fama de homem justo que sempre ficava ao lado dos mais fracos e dos mais pobres. Tal era o seu comportamento como governante, que a elite de Belém tornou-se logo a sua principal adversária.

Arquivo Benedicto Monteiro

Barata tinha muitos aliados e adversários. Porém, quando do seu último governo, já eleito democraticamente, promoveu reunião com opositores como Catete Pinheiro, Benedicto Monteiro, Geraldo Palmeira e Stelio Maroja, que estão na foto.

Texto complementar

Medidas administrativas de Barata

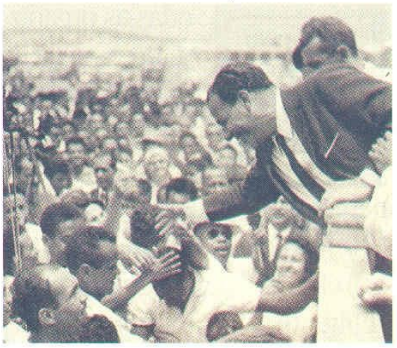
A reforma do magistério e da magistratura atingiu muitas pessoas que se sentiram prejudicadas e que, em virtude do caráter autoritário do governo revolucionário, não tiveram para quem apelar. O rigor do fisco contra os grandes comerciantes provocou os maiores conflitos com as classes conservadoras. E, evidentemente, as violências, praticadas nessas circunstâncias, armaram contra ele uma ferrenha oposição, principalmente na capital.

Entretanto, foram as medidas administrativas tomadas por Barata que alicerçaram o seu prestígio e a sua popularidade junto ao povo do Pará. Entre tantas, as principais foram:

14 - Governos sem tutela da união

Apesar de o Brasil ser uma República Federativa, são raros os governadores do Pará e prefeitos de Belém que exerceram seus mandatos sem a tutela dos governos federais. Talvez só mesmo os governos cabanos, na época da Regência, e os governos da República com Paes de Carvalho, Augusto Montenegro e Antônio Lemos, em virtude da boa situação econômica financeira decorrente da exportação da borracha. Depois da Revolução de 1930, só Zacharias de Assumpção e Magalhães Barata governaram sem a influência do poder central.

Arquivo Benedicto Monteiro



O presidente João Goulart pretendeu fazer reformas de base, para começar um projeto de desenvolvimento mais justo para o Brasil. Com ele, inaugurava-se também uma nova perspectiva social para o Estado do Pará, incluindo a reforma agrária séria e profunda. Com o golpe de 1964, entretanto, o Pará ficou mais do que nunca tutelado pela União e as reformas de base foram esquecidas.

15 - O Parlamento e o presidencialismo

A renúncia do presidente Jânio Quadros, até hoje inexplicada, chamou à sucessão o vice-presidente João Goulart, que se encontrava em viagem oficial à URSS e à China. Apesar da resistência à sua posse, manifestada pelos militares, houve um acordo político entre as forças que compunham o Congresso e estabeleceu-se no país um parlamentarismo híbrido, sendo Tancredo Neves o primeiro-ministro.

Porém, esse regime teve curta duração, pois o próprio presidente convocou um plebiscito que restabeleceu o presidencialismo, devolvendo a João Goulart a plenitude dos poderes presidenciais. João Goulart lançou, então, a campanha para as reformas de base, que compreendiam as reformas agrária, tributária, bancária, administrativa e educacional.

Além disso, João Goulart decretou a regulamentação da lei que controlava a remessa de lucros das empresas estrangeiras para o exterior, promulgou o Estatuto do Trabalhador Rural, mandou fiscalizar com rigor a contabilidade das empresas multinacionais e ratificou a nacionalização de duas empresas americanas feita por Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul.

Serviram de pretexto para a deposição de João Goulart várias manifestações populares, envolvendo sargentos, soldados e marinheiros, no Rio de Janeiro, que foram tidas como quebra da hierarquia militar. Mas, na realidade, sabe-se hoje através de estudos documentados, que já havia no país todo um processo de reação à forma populista e anti-americana com que João Goulart estava governando e pretendia continuar.

Arquivo Benedicto Monteiro

João Goulart, presidente do Brasil, e Benedicto Monteiro, secretário de Estado no governo Aurélio do Carmo.

16 - O GOLPE DOS MILITARES

Todas as organizações, tanto da direita como da esquerda, utilizavam os mais variados instrumentos de propaganda, como livros, jornais, revistas, teatro, cinema, pondo em debate as ideologias da sociedade.

Não era à toa que João Goulart preconizava as reformas de base para poder governar. Possivelmente, ele sabia que sem essas reformas estruturais, o crescimento econômico, via aceleração industrial, não reduziria as desigualdades sociais internas, mas determinaria sim o aumento da dependência externa e agravaria a superpopulação das cidades, com as conseqüências que estamos sofrendo hoje em relação à educação, à saúde e à segurança.

Mas, com certeza, foi a campanha pelas reformas de base, o decreto de encampação das refinarias de petróleo particulares e as medidas tomadas contra as multinacionais que deflagraram o golpe militar de 1964, que se autodenominou de revolução, com apoio da Igreja Católica, da maioria do Congresso e das Forças Armadas, no dia 1º de abril.

O Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964, que legitimou a Revolução (o que na verdade melhor seria dizer uma contra-revolução diante de tudo que vinha sendo feito por Goulart), anunciava no seu texto: "A revolução vitoriosa se investe no exercício do Poder Constitucional. Este se manifesta pela eleição popular ou pela revolução. Esta é a forma mais expressiva e mais radical do Poder Constituinte, se legitima por si mesma." Mais adiante: "Fica, assim, bem claro que a revolução não procura legitimar-se através do Congresso. Este é que recebe deste Ato Institucional, resultante do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções, a sua legitimação".

Comício pelas reformas de base em Belém. Benedicto Monteiro discursa ao lado do presidente João Goulart, governador Aurélio do Carmo e vice Newton Miranda.

Arquivo Benedicto Monteiro

17 - A DITADURA BUSCA LEGITIMIDADE

Evidentemente que o expediente jurídico encontrado pelo alto comando da revolução para ferir a Constituição e estabelecer, assim, um Estado contra-revolucionário foi o Ato Institucional, que passou a vigorar acima da Constituição Federal e, portanto, acima do Estado de Direito e das leis vigentes em todo o país.

Arquivo Benedicto Monteiro

Benedicto Monteiro, deputado estadual paraense, ao lado do governador Leonel Brizola (Rio Grande do Sul) e do governador paraense Aurélio do Carmo, outros políticos que também foram retirados à força do cenário político pelo golpe de 64

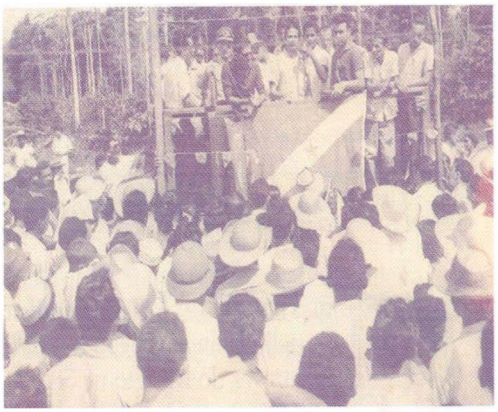
A partir de 1964, os governos militares passaram a governar baseados nesses atos institucionais que foram sendo editados conforme as circunstâncias políticas exigiam. A ideologia era a da Doutrina de Segurança Nacional, inspirada nos postulados da guerra-fria, adotada oficialmente pelo Estado Maior das Forças Armadas, apoiada pela Escola Superior de Guerra e instrumentada pelo recém-criado Serviço Nacional de Informações (SNI).

Com os atos institucionais, os militares passaram a governar o país como se fosse uma grande caserna, substituindo a ação política pela estratégia militar. Nada se fazia sem a audiência do Conselho de Segurança Nacional.

A primeira providência foi desfazer-se das lideranças políticas tradicionais, como aconteceu com as cassações de Juscelino Kubistchek, Carlos Lacerda, Adhemar de Barros e Jânio Quadros.

18 - Eliminando os líderes populares

Arquivo Benedicto Monteiro



No Pará, muitas lideranças políticas, entusiasmadas com as reformas de base, engrossaram a fila dos opositores ao novo regime de 1964

A o mesmo tempo em que se desfazia das lideranças políticas com centenas de cassações de mandatos e de direitos políticos, e também fazendo milhares de prisões e processos políticos-criminais, o alto comando investia-se a si mesmo de todos os poderes constituintes assumindo o papel dos poderes Legislativo e Judiciário que ficaram, por sua vez, proibidos de opinar.

E através dos atos institucionais, das emendas constitucionais, das leis e dos decretos, os militares tomaram muitas decisões: extinguiram os partidos políticos, cassaram e prorrogaram mandatos, mudaram as leis eleitorais, estabeleceram eleições indiretas para governos estaduais e prefeitos das capitais, submeteram as polícias militares ao controle do Exército, demitiram funcionários estáveis de carreira, criaram Comissões Especiais de Investigação Sumária, abriram Inquéritos Policiais Militares (IPMs), suspenderam e removeram juízes, fecharam sindicatos, proibiram greves, e censuraram a imprensa, as letras de músicas, os livros e os espetáculos suspeitos de subversão ao regime político dominante.

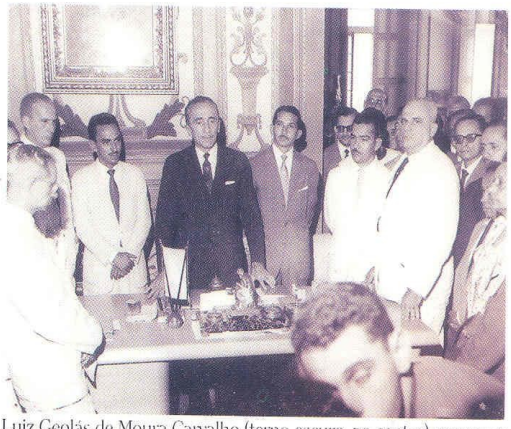
Arquivo Benedicto Monteiro

As autoridades eleitas pelo voto popular foram perseguidas quando não aceitavam as imposições do golpe de 1964

21 - Perseguindo a oposição

Mesmo existindo o Congresso Nacional, depois de muitas cassações de mandatos e mediante a garantia do presidente da República ao presidente da Câmara dos Deputados, Adauto Lúcio Cardoso, de que não haveria mais cassações de deputados, no dia 12 de outubro novas cassações se tornaram públicas e foram comunicadas oficialmente ao presidente da Casa por um oficial do Exército. Houve resistência por parte de Adauto Cardoso e de outros deputados, mas mesmo assim o Congresso foi fechado pelas tropas do general Meira Matos, e a situação consumada.

Encerrado o mandato do marechal Castello Branco, o general Arthur da Costa e Silva foi eleito indiretamente para presidente da República e, em 13 de dezembro de 1968, assinou o Ato Institucional Nº 5 que reforçava ainda mais o estado de exceção.



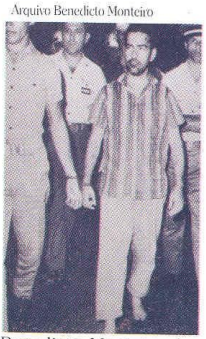
Luiz Geolás de Moura Carvalho (terno escuro, ao centro), passou o governo do Pará a Aurélio do Carmo (à sua direita).

Não contentes com todos esses instrumentos de poderes, uma junta de ministros militares que substituiu o general Costa e Silva, outorga em 17 de outubro de 1969 a Emenda Nº 1 à Constituição de 1967, que passou a ser a verdadeira Carta Magna, com as adaptações dos vários atos institucionais e complementares.

22 - O golpe militar no Pará

O golpe militar de 1964 ocorreu em pleno mandato de Aurélio do Carmo, como governador do Estado. Antes mesmo de ter o seu mandato cassado, o autor destes fascículos, como seu secretário de Estado e no exercício de seu mandato de deputado estadual, foi cassado pelos seus colegas da Assembléia Legislativa, sem direito à defesa, numa única sessão que aprovou um projeto de resolução e que foi assim mesmo publicado. Mais tarde, Benedicto Monteiro, mesmo tendo sido secretário de governo e deputado, escritor e advogado, seria preso, torturado e mantido, por mais de sete meses, numa cela solitária na cidade de Belém.

Arquivo Benedicto Monteiro

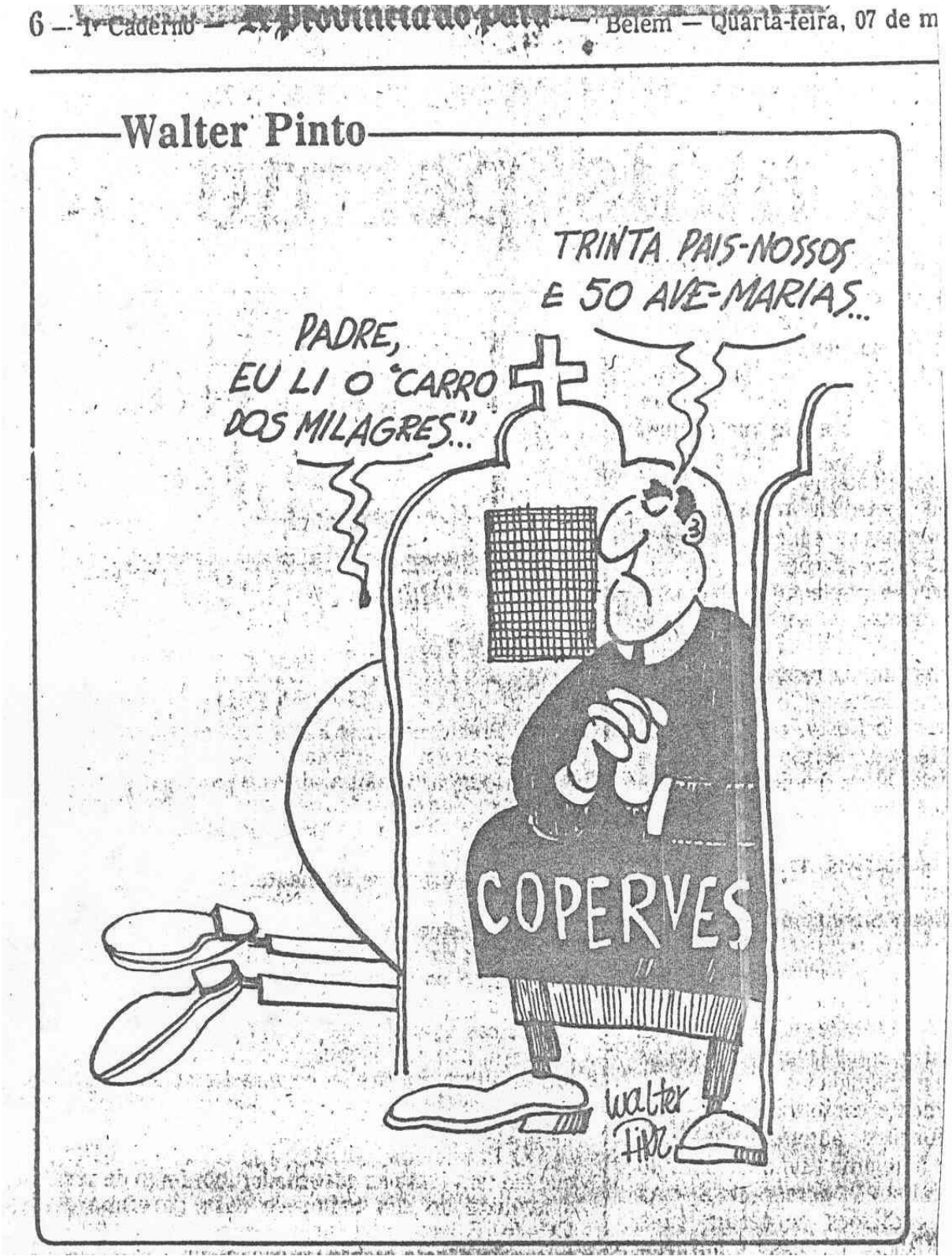


Benedicto Monteiro desembarca em Belém, preso, em 1964

Os deputados, àquela altura dos acontecimentos, em 1964, elegeram o coronel Jarbas Passarinho em substituição a Aurélio do Carmo, que foi cassado juntamente com o seu vice-governador Newton Miranda.

Seguiram-se a Jarbas Passarinho, no governo do Pará, os governadores Alacid Nunes, Fernando Guilhon e Aloysio Chaves, que fizeram excelentes governos, do ponto de vista da competência administrativa e da moralidade. Mas todos, sem exceção, condicionaram as suas atividades políticas e administrativas às orientações que recebiam dos governos militares.

Sobre o autor



Biratan

TIRA O PÉ DO FREIO!
"CARRO DOS MILAGRES"
UNIVERSIDADE
BIRATAN PORTO

O (duro) ofício de escrever, segundo Benedicto Monteiro

Prosseguindo a trilogia amazônica iniciada com o romance "Verde Vagomundo" ao qual se seguiu o livro de Contos "O Carro dos Milagres", Benedicto Monteiro lança, agora, o romance "O Minossauro", sob o oba-oba geral.

Recebido com entusiásticos aplausos pela crítica, "O Minossauro" configura, cristalinamente, o que "Verde Vagomundo" e "O Carro dos Milagres" já antecipavam: Benedicto Monteiro é uma das mais gratas revelações da literatura nacional contemporânea.

Benedicto Monteiro se colocou de vez na primeira fila dos romancistas da Amazônia e do Brasil", saudou Jorge Amado "Benedicto Monteiro é mais do que uma promessa: é a afirmação de um talento, uma força narrativa nova e vigorosa no horizonte da literatura brasileira atual", disse Léo Gilson Ribeiro.

"Ele é talvez o maior romancista desse mundo ainda não atingido pelas frentes de penetração, guiado pelos rios, marcado pelo tempo sem tempo, sem indicadores "civilizatórios", a página de Gênesis ainda não escrita, na expressão de Euclides da Cunha" comentaria Lúcio Flávio Pinto.

Mas os elogios não ficam por aí. Outros críticos, como Affonso Romano de Sant'Anna, Haroldo Bruno, Flávio Moreira da Costa, Marco Aurélio Nogueira e Benedito Nunes, também se manifestariam favoravelmente ao trabalho de Benedicto Monteiro.

"Um dos méritos do livro está no desejo de pensar grande, continentalmente. Não é a toa que o autor cita Júlio Cortázar e Alejo Carpentier", comentaria Affonso Romano de Sant'Anna, na revista "Veja", se referindo a "O Minosssauro".

"A transposição à estética literária do regional – e de um regional como o amazônico, que é a própria síntese inaugural da terra – constitui o tema e personagem desse escritor que transita com a mesma desenvoltura e originalidade pelo romance e pelo conto", já se antecipava Haroldo Bruno, em "O Globo".

"Com 'O Minossauro', Benedicto Monteiro não só dá continuidade à experiência de "Verde Vagomundo", como se afirma como o grande romancista atual do norte do país", reconheceria, por sua vez, Flávio Moreira da Costa, na revista "Escrita".

Não menos pródigos foram os elogios de Marco Aurélio Nogueira, também da revista "Escrita": "Temos com 'O Minossauro' um exemplo gratificante e estimulante de como se pode fazer, no Brasil de hoje, uma literatura madura, segura e participante".

Bem mais profundo, situando o romance num plano mais filosófico, Benedito Nunes, por seu turno, não pouparia boas referências, em relação a Benedicto Monteiro: "Benedicto Monteiro escreveu o primeiro romance contextual da realidade amazônica", assegurou.

Simples, antes de mais nada, o paraense de Alenquer Benedicto Wilfredo Monteiro, advogado militante e ex-político, se não chega a ficar indiferente, também não se deixa empolgar com as perspectivas que se abrem à sua carreira literária.

Com 52 anos, "quatro filhas, um filho e um neto", Benedicto Monteiro se revela de uma lucidez encantadora, se mostrando plenamente consciente acerca do papel que, como escritor, assumiu ao se propor, como afirma, a fazer "a interpretação de uma civilização amazônica que está prestes a desaparecer".

Essa, pelo menos, é a impressão deixada a partir da entrevista que abaixo se segue, prestada por Benedicto Monteiro na véspera de sua última viagem ao Rio de Janeiro, para onde seguiu a fim de ir adiantando os preparativos de seu próximo romance, "Terceira Viagem".

Fazendo, de sua obra, uma espécie de inventário da Amazônia e, com isso, representando um contrapeso a um tipo de criação intelectualizada e, algo alienante, ele se coloca, sem dúvida, dentre as grandes expressões da literatura brasileira atual.

Entretanto, ao contrário do que possa sugerir sua condição, Benedito Monteiro está longe de corresponder à imagem do intelectual tradicional, afetado e dado a abstrações bizantinas. Por vezes, ele chega a ser de uma simplicidade comovente.

"O que você acha? " É, por exemplo, a pergunta que acompanha cada uma de suas observações, independente de qual seja o interlocutor, numa evidência dessa humildade, na raiz da qual talvez esteja a sua predisposição ao questionamento.

Aliás, é provável que seja nessa abertura à crítica e à autocrítica que resida, fundamentalmente, a importância do trabalho de Benedicto Monteiro, para quem escrever representa, dentre outras coisas, "uma forma de viver".

"Pra mim, escrever representa a melhor maneira de ser livre e, ao lado disso, exercer uma vocação pública", afirma Benedicto, o que não chega a surpreender em se tratando de uma pessoa preocupada com o devir da modernidade.

Sobre o romance, ele tem opinião muito própria. "Na minha opinião, o romance, do ponto de vista sociológico e literário, foi uma forma de expressão artística da burguesia, e como a burguesia está cada vez mais complicada, o romance tende a ser uma forma literária muito complexa", diz.

Do seu ponto de vista, é praticamente inevitável que o romance venha se constituir numa somatória de todos os gêneros literários, dada a realidade presente. "O romance, hoje, tem que apresentar um pouco de tudo para expressar a complexidade do momento atual", conforme Benedicto Monteiro.

Crítico intransigente dos que, num contexto como o nosso, fazem do romance um exercício experimental, ele enfatiza a necessidade de um trabalho compromissado. "Afinal, há todo um mundo que ainda não foi expressado literariamente", argumenta.

Assim, para Benedicto Monteiro, descortinar a sua realidade é um imperativo ao qual não pode se furtar o nosso escritor. "Outra coisa não se justifica, para um país sobre o qual tanto se tem a escrever", e a sua opinião.

Com a mesma veemência, ele também se opõe aos que, escrevendo se limitam a realidades típicas de certas classes. "Num país como o Brasil, com uma formação tipicamente rural e cujos homens da cidade são oriundos do campo, isso é uma fraqueza", lamenta.

Não menos exigente ele se mostra em relação ao papel do escritor num contexto em vias de desenvolvimento. "Acho que o escritor, em qualquer circunstância, tem por obrigação ser livre, pois se ele assume e exerce o seu compromisso, logo estará sendo fiel consigo e com seu povo", frisa Benedicto Monteiro.

No que tange ao seu trabalho, ele garante [illegible], precisamente, o descobrimento da imensidão amazônica, "que continua, aí, desafiando a todos". "O que pretendo é expressar a realidade social amazônica", ressalta.

"As minhas pretensões são, sinceramente, modestas, daí me surpreender, por exemplo, quando um Benedicto Nunes afirma que eu teria escrito o primeiro romance contextual sobre a Amazônia", confessa Benedicto Monteiro, assegurando a surpresa diante da repercussão de suas obras.

Especificamente sobre a trilogia iniciada com "Verde Vagomundo", prosseguida com "O Minossauro" e que culminará com o lançamento de "Terceira Viagem" Benedicto Monteiro diz se tratar de um diagnóstico de "um mundo em vias de extinção".

"Independente de qualquer coisa, o que eu quero é dar a interpretação de uma civilização amazônica que está prestes a desaparecer, esmagada pelo desenvolvimento arbitrário, sacrificada, a cada dia, pelo crescimento desordenado", explica.

E para os que vêem em sua obra traços nitidamente autobiográfios, Benedicto Monteiro esclarece: "Meus livros não são em nada, mas em absolutamente nada, autobiográficos, mas apenas refletem toda a minha experiência, nada mais".

Pensando em termos continentais, ele não aceita os estreitos limites do "pretenso regionalismo". "A América Latina se impõe ao mundo justamente pela universalidade, então, tendo em conta que a Amazônia é uma parte do mundo, ao escrever sobre ela terei, necessariamente, que apelar para o universalismo", destaca.

"Por que um romancista que escreve sobre a Amazônia terá que ser menos universal que um que escreva sobre a Guatemala? " Pergunta, completando a sua linha de raciocínio. "É importante, como já disse, não esquecer que a Amazônia faz parte do mundo".

Excluindo as preocupações de ordem intelectual, a maior das aspirações de Benedicto Monteiro é conseguir sobreviver enquanto escritor. "Acho que seja possível e espero chegar a uma situação na qual possa ser apenas escritor".

Dedicando "o maior respeito" aos que se dedicam ao ofício de escrever, ele se furta a tecer considerações a respeito dos que, como ele, se voltam para a produção literária, em Belém. "Há, por aqui, muitos intelectuais trabalhando com seriedade e talento", é o máximo a que se permite, nesse aspecto.

Sua vida ele garante obedecer à mesma rotina, apesar de haver se tornado um nome sempre em evidência. "Já disse, certa vez, que aprendi a criar um mundo, então, isolo-me das circunstâncias, ainda que atento à realidade do povo", conclui Benedicto Monteiro.

A crítica de Verde Vagomundo

"Verde Vagomundo", primeiro romance de Benedicto Monteiro, chegou às livrarias em 1972, sendo escolhido neste mesmo ano como um dos dez melhores livros, segundo a Revista Veja.

A crítica de Leo Gilson

Em seus comentários sobre este livro, Leo Gilson Ribeiro, crítico literário de Veja, diz o seguinte: "Bons romances são raríssimos nas exuberantes matas amazônicas. Agora, ao lado dos seringueiros de "A Selva" do romancista português Ferreira de Castro, já existe um escritor da Amazônia. Com "Verde Vagomundo", o paraense Benedicto Monteiro traz um sotaque inédito à literatura brasileira: o do Pará e o do Amazonas. Vocábulos de sonoridades estranhas e mágicas: panema, embiara, taxizeiro, manhuranal, pivides.

A veemência social de Benedicto Monteiro não tem o sentimentalismo de Ferreira de Castro: sem emotividade, num estilo quase seco, ele alterna a denúncia de injustiças com trechos de um surrealismo fascinante, que o aproximam já do cubano Alejo Carpentier em suas descrições da selva e as alucinações de fantasia que ele gera como uma febre".

A Crítica de Haroldo Bruno

Haroldo Bruno, no Jornal O Globo também falou da obra de Benedicto Monteiro, em particular de Verde Vagomundo, que dá início à tetralogia da Amazônia: "A obra de Benedicto Monteiro ressalta logo a amplitude da perspectiva física que, fundando-se nessa "pesada paisagem verde", nesse "vago vazio, vagomundo, vagoespaço" a conferir o timbre do seu estilo e a sugerir a solidão e abandono a que está relegado a homem da região, foge a um social pitoresco ou tetratológico para oferecer, com o poder da transfiguração da arte literária, no caso a narrativa que se ergue em epopéia ou saga, um quadro astroposs-cial de grandes proporções".

Haroldo Bruno diz ainda: "A transposição à estética literária do regional – e de um regional como o amazônico, que é a própria síntese inaugural da terra – constitui o tema e o personagem desse escritor, que transita com a mesma desenvoltura e originalidade pelo romance e pelo conto".

Um romance-conto-poesia: O Minossauro

Trata-se do segundo romance da tetralogia de Benedicto Monteiro sobre o fabuloso verde vagomundo da Amazônia, visto "por dentro" e revelado "de dentro" em sua realidade total, multifacética – ecológica, humana, social e psicológica. Sua obra realiza um desbravamento no sentido inverso da já legendária estrada, uma verdadeira picada Cultural transamazônica que nasce nos igarapés e atinge os centros urbanos deste País-Continente.

A Terceira Margem na opinião de Antônio Hohlfeldt

Em "ATerceira Margem", Monteiro realiza uma fascinante narrativa-síntese dos trabalhos anteriores, em que a margem alternativa se configura tanto como a realização literária essencial como o espaço-tempo mitológico em que o personagem Manuel dos Santos Prazeres, o Cabra da Peste, participante do episódio da queima dos fogos de artifício (em "Verde Vagomundo"), encontra enfim seu pouso e permite a narrativa que aqui se faz.

O autor concretiza, na verdade, uma espécie de ápice do anonimato daquele povo amazônico, retomando e aprofundando a questão da "civilização fluvial".

A "Terceira Margem" identifica-se, enquanto narrativa, com sua própria paisagem e, neste sentido, é como se o leitor navegasse por igarapés, furos e paranás, descobrindo, à custa de observação acurada, dentre o verde de estranhas e múltiplas tonalidades, a realidade que ali se desenha e se esconde ao mesmo tempo.

Ela é também uma obra voltada para si mesma enquanto indagação e construção de uma linguagem específica, artificial enquanto invenção, mas apaixonante e instaurada de uma nova realidade, como ocorre com toda a linguagem verdadeiramente artística.

Antônio Hohlfeldt é crítico literário da Revista Isto É, de onde foi extraída esta matéria.

O mundo vagoverde de Benedicto em debate hoje

Benedicto Monteiro fala de seus romances, hoje, num debate que faz parte do projeto "O autor e sua obra", promoção do NAEA. Considerado um dos mais fecundos escritores da Amazônia, ele tem suas obras estudadas em várias universidades do país. *Caderno Dois, página 1.*

Livros

O pesquisador do linguajar e das crenças da Amazônia

Benedicto Monteiro fala de suas experiências na época da repressão militar e como deputado federal — e reclama do descaso com a literatura

Maurício Melo Júnior
Especial para o CORREIO

O universo da literatura brasileira abriga mais mistérios do que possa imaginar nossa vã filosofia. Nele tem até escritora salvando a vida de minossauro. Nélida Pinon quando leu *Verde Vagomundo* ficou tão encantada com seu protagonista que escreveu para o autor pedindo que não o matasse. E Miguel dos Santos Prazeres, o Afilhado-do-Diabo, o Cabra-da-Peste, o Minossauro está vivo até hoje.

Nélida ainda confessou ter tido a nítida impressão de que o livro tinha sido escrito por várias pessoas. "Talvez aquilo para ela fosse um defeito do livro, mas era o maior elogio que ela estava me fazendo", revela Benedicto Monteiro, um paraense de Alenquer, 16 anos, criador do caboclo Miguel e um dos maiores escritores do país.

Benedicto estreou na literatura em 1945 com um livro de poesias, *Bandeira Branca*. Apesar de ter sido bem recebido pela crítica e de ter um relativo êxito comercial, o autor sentiu que a poesia, como até hoje, era de comunicação restrita e não atingia o grande público. Assim, deixa de escrever para se dedicar à política.

Prisão e linguística — Suas viagens políticas, entretanto, lhe permitiram um contato mais próximo com o falar do caboclo amazônico. Assim começou a fazer uma pesquisa que queria transformar em tese de mestrado. Chegou a reunir uma série de fichas e fitas onde registrava esse falar típico. Mas veio a Revolução de 1964 e, além de cassar seu mandato de Deputado Estadual, confiscou toda a [illegible].

Preso, passou sessenta dias absolutamente incomunicável. "Senti que poderia desaparecer e meu nome passar da forma nada se desaparecesse naquele momento". Depois de libertado — "quando passei a viver mais ou menos normalmente" tentou recuperar o material através da justiça e não conseguiu até hoje. Para não perder o material pesquisado, com o que tinha de memória, começou a escrever. Daí nasceu *Verde Vagomundo*.

Respeito — Consciente de que quando o intelectual quer retratar as peculiaridades do linguajar brasileiro, quase sempre apela para o caricatural, Benedicto procurou outra vertente. Mostrou que esta linguagem não é errada, mas "tem um ritmo próprio, uma concepção própria", embora gramaticalmente errada. Outra preocupação foi colocar na boca dos personagens o pensamento deles próprios, criando em sua obra um forte apelo de respeito ao ser humano e á natureza. "O importante é que o respeito dessas pessoas, passem a ter a mesma importância do respeito das elites", acredita. E pelo avanço das questões ecológicas, Benedicto está com a razão.

As crenças e os sentimentos do homem da Amazônia estão tão presentes em sua obra que o autor acredita ser isso uma coisa intrínseca a si mesmo. "Não tive qualquer preocupação em me adaptar à moda da ecologia, a esta nova ciência que estava nascendo, mas apenas refletir o sentimento do caboclo", pois "não é a toa que vivemos e conservamos a Amazônia a milênios". E mesmo a colonização desordenada, não conseguiu apagar de todo as características da região.

Esperança — Esta colonização, além de destruir as florestas, tem desprezado e prejudicado a literatura local. "Todos os escritores que se tornaram nacionais, embora fossem da província, moraram no Rio de Janeiro". E cita dois exemplos. Márcio de Souza que saiu e despontou e Dalcídio Jurandir, que mesmo talentoso e premiado, pereceu por não deixar a província. Mesmo assim a região tem evoluído com romancistas como Vicente Cecim e poetas como Rui Barata.

"A profissão do brasileiro é a esperança, pois só assim a gente pode encarar esse mundo cão". Essa esperança lhe fez trazer, como Deputado Federal, grandes dos. "Eu me preparei a vida toda e vim ansioso para discutir essas idéias com outras pessoas que tivessem experiência na matéria. E minha frustração foi essa, não poder discutir o direito e a reforma agrária".

Desprezo — Mas Benedicto prefere falar mesmo é de literatura, embora com certa mágoa. "Aqui o escritor é uma pessoa de terceira categoria. Qualquer jogadorzinho de futebol, qualquer cantorzinho de rádio é mais importante que o escritor. Esse é o problema. Um problema de cultura e educação até, pois o fundamental para a vida do escritor é acabar ou diminuir o analfabetismo".

Mesmo assim o escritor não desanima. Depois de ter conseguido, com o *Aquele Um*, saciar uma grande parcela de sua preocupação linguística, procura trabalhar novos elementos do seu universo.

Recentemente, Benedicto aprontou um romance biográfico, *Transtempo*, onde procura descrever dois ângulos de sua vivência: a prisão e a liberdade. "Às vezes chego à conclusão de que era mais livre na prisão do que na liberdade". Outro tema do romance é o tempo. Sua visão é de que o homem moderno vive simultaneamente o passado, o presente e o futuro e que o calendário, como grade do tempo, quase perdeu a função.

Á Ura outro novo romance está recebendo o ponto final. E *Maria de Todos os Rios*, e aborda a saga da mulher amazônica. "Descobri que a mulher tem sido extraordinária na vida amazôniza". Mas o escritor tem encontrado algumas pedras no caminho. "Como o romance é narrado na primeira pessoa, tenho tido dificuldades de narrar, por exemplo, as experiências sexuais de Maria". Mesmo assim quer resgatar essa dívida com o mundo feminino da Amazônia.

A volta à poesia está se dando através da recriação em versos da prosa de outros autores. Acredita que esta experiência seja inédita, mesmo na literatura mundial. Já até escreveu um livro — *Cancioneiro de Dalcídio* sobre a obra de Dalcídio Jurandir e agora trabalha Guimarães Rosa. Mas o romancista Benedicto Monteiro não esquece sua prisão perpetua com a

O heroísmo e a religiosidade do mito Minossauro

Minossauro é um termo que deixará muita gente à cata de um significado. Mas não adianta ir atrás do mestre Aurélio. Ele também não registrou o termo. Na verdade, esta é uma criação do próprio Benedicto. Inspirado nas mitologias grega e amazônica, o romancista criou este homem-réptil.

Encantada tanto pelo ser como por seu discurso, Maria do Carmo Pereira Coelho se debruçou sobre sua vida durante mais de três anos. Desde que leu o livro pela primeira vez, isso em 1975, sonhava fazer uma tese de mestrado sobre o personagem. A oportunidade veio em 1983, quando concluiu o Mestrado em Teoria da Literatura, pela UnB. Mas o parto não foi lá tão fácil. Professora da Fundação Educacional, quando foi liberada para escrever o trabalho, precisou se aprofundar no estudo de antropologia e comunicação e não pôde concluí-lo em tempo hábil. De volta às salas de aulas passou a dormir uma média de duas horas por dia e aproveitar as horas vagas. Cinco meses depois botava o ponto final em sua obra.

Como o próprio nome diz, a tese aborda apenas uma das múltiplas faces da literatura de Benedicto Monteiro. Apenas seu lado mítico. Daí Miguel, o Minossauro, o Afilhado-do-Diabo, surge como síntese do espírito mítico amazônico.

Natureza — Miguel, indubitavelmente, é um herói. Seu mundo é rico de lendas e constantemente beira o fantástico. Absorvendo plenamente este clima ele o repassa para suas histórias. Daí nasce o mítico, que se torna uma das mais fortes facetas do seu criador. E daí Maria do Carmo extraiu três pontos fundamentais. Seu comportamento enquanto herói, suas concepções religiosas e a presença do mito do "eterno retorno". E a conclusão é uma só, Miguel é um herói mítico que surge em todo seu esplendor.

Segundo Maria do Carmo *O Minossauro* se mostra ainda "como uma luta entre a Natureza e a Cultura e é a natureza, como cosmos, que sai vitoriosa". Entretanto a cultura do protagonista merece destaque e até ganha algumas reflexões bastante lúcidas. Como exemplo, a sua religiosidade. "Todas as suas crenças convivem com outras religiões, sobretudo com a religião católica: se diz católico devoto de Santo Antônio, faz promessas, mas não dispensa as 'rezas' e as 'benzedeiras' e outros ritos fetichistas num sincretismo típico do caboclo amazônico. A questão da religiosidade aliás é tratada com carinho e especial atenção na tese. Suas veredas são aprofundadas até o extremo. A autora chega mesmo a afirmar que os elementos míticos do livro se apóiam em dois suportes semânticos. O épico e o religioso.

Embora por vezes recaia num academicismo que poderia sr dispensado, Maria do Carmo consegue levar o leitor ao entendimento pleno de sua obra. De quebra, desvenda toda a mitologia amazônica que sobrevive na mente primitiva de Miguel. **(Maurício Melo Júnior).**

■ **Elementos Míticos no Minossauro. Maria do Carmo Pereira Coelho. Editora Regional. Brasília. 1990. 136 págs.**

Um grande ato de amor entre o caboclo e a floresta

Aquele Um foi publicado em 1985. Depois deste romance, síntese de toda a trajetória do caboclo Miguel dos Santos Prazeres, Benedicto Monteiro não publicou mais nada. No livro são narradas várias aventuras do afilhado-do-Diabo, apresentando-o por inteiro e só, levando o autor a, ousadamente, dar nova roupagem a algumas histórias já contadas em outras obras.

O romance é dividido em três partes distintas. Primeiro vem sua saída da casa paterna, sua formação e sua relação quase amorosa com a floresta. Depois é a luta para a conquista de seu sonho maior e todo amor pelo rio. Neste trecho ele torna-se quase anfíbio. É o próprio Minossauro. Por fim, vem sua relação diante da invasão da Amazônia, o mundo masculino e a resistência do caboclo. Assim Monteiro formaliza e revela os mistérios do mundo e do homem amazônico, que tem em Miguel um forte estereótipo. Humilde, determinado e com um profundo sentimento ecológico, traz a disposição de desafiar o próprio destino para defender suas crenças.

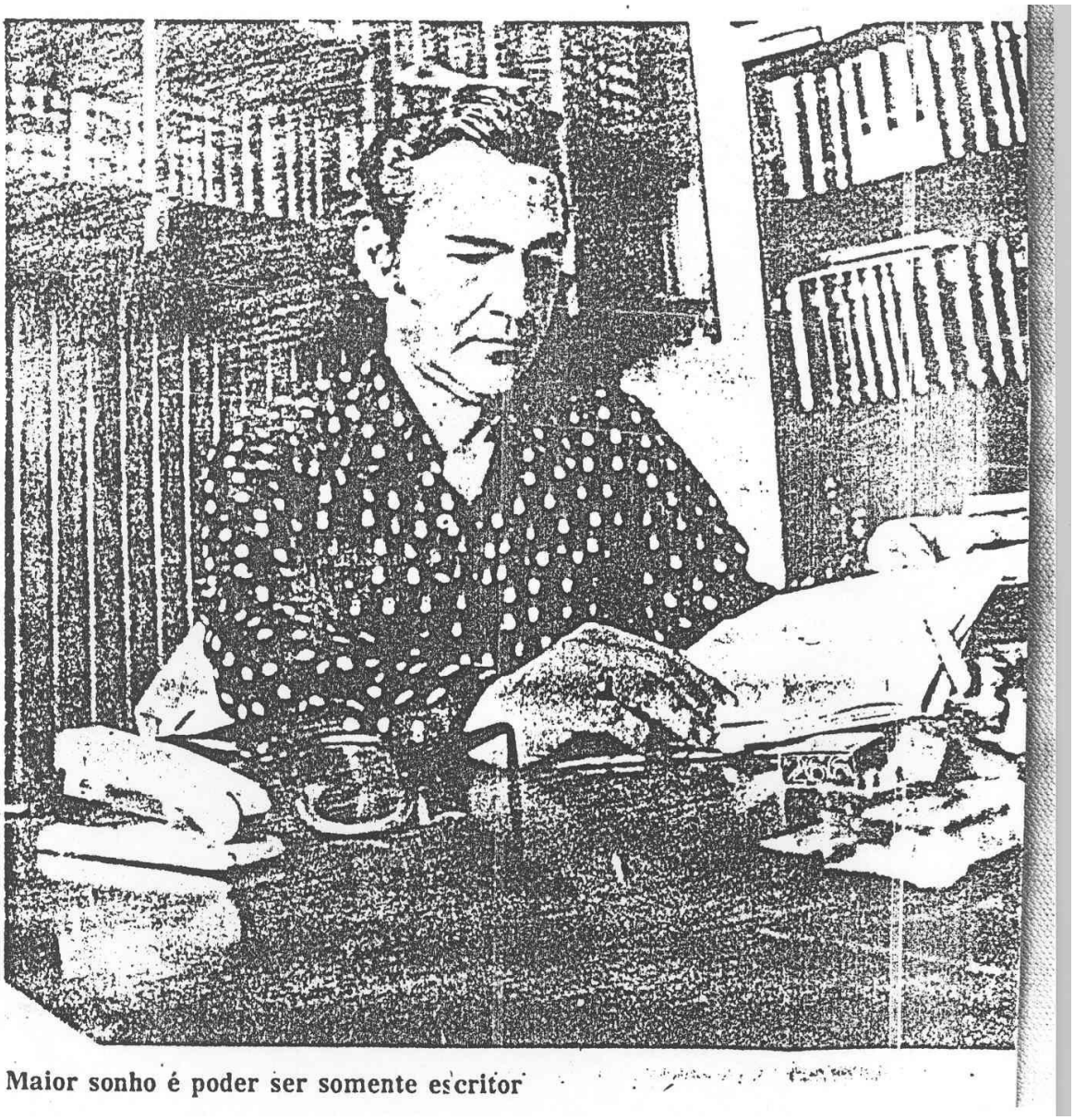
A recriação do linguajar ribeirinho é o forte de Benedicto neste livro. Entretanto não se apresenta apenas um retorno a Guimarães Rosa. Monteiro além de imprimir elementos políticos e sociais, preserva o sentimentalismo, o respeito e sobretudo o carinho que marcou a prosa do mineiro.

Ecologia — Uma outra preocupação do caboclo é deixar marcado sua doma sobre a liberdade e o destino. Até mesmo traça um fio delgado e firme entre os dois. Não quer casar para não perder a liberdade. Não se torna bandido porque sua "grande vocação na vida, sempre foi ser mesmo um grande pirotécnico". Neste destino deixará impregnado até nos filhos. "Se o senhor visse os meus filhos, aí que o senhor ia separar em mim todos os meus destinos". E o sentimento de liberdade só encontra barreira no respeito às águas. "O Amazonas brabo é a única entidade que me põe na presença da morte".

Miguel toma para si ainda todas as crenças e desejos do caboclo. Traz por dentro uma humanidade que o faz reverenciar a natureza e amar o universo que o cerca. Daí nasce toda uma relação íntima do homem com a natureza, que o leva a buscar uma árvore que simbolize sua ausência da casa paterna.

A união de todos esses sentimentos, deságua na resistência permanente do amazônida, levando Benedicto Monteiro a criar uma das mais fortes metáforas da nossa literatura. Cada um dos sete filhos que Miguel tem com mulheres de diferentes raças, vem marcado por um forte traço seu. Apesar da mistura dos sangues, há sempre a predominância da característica cabocla. Apesar de toda invasão, a Amazônia estará sempre marcada por sua própria presença forte e indestrutível. E esta lição é o legado maior da obra literária de Benedicto Monteiro. **(Maurício Melo Júnior)**

■ **Aquele Um. Benedicto Monteiro. Editora Marco Zero e PLG - Comunicação. Rio de Janeiro. 1985. 224 págs. Edição esgotada.**



Maior sonho é poder ser somente escritor